



VIII

Quando o sintoma é mancha♦

Sumário

Sintoma e objeto.....	2
Como reconhecer o objeto <i>a</i> ?	4
O sintoma e a mancha (O sentido dos sintomas)	4
Sintoma lixo (caminhos de formação dos sintomas).....	6
<i>Cagado</i> ainda	8

♦ Este texto reproduz a primeira parte do encontro de 06.09.2018, do seminário do ICP-RJ “A Clínica do Fim do Mundo”, transcrição e notas Cida Malveira, revisão de texto Clara Pieri.

Esse seminário é sobre o objeto da psicanálise, que Lacan definiu como objeto da psicanálise, o objeto *a* em torno do qual ele ordenou toda nossa clínica. A questão é que, hoje em dia, este trabalho tem parecido mais difícil, isso talvez porque sua função esteja perturbada. Qual a potência do objeto “a” que, lembrem, é um resto absoluto, em nossa clínica? Qual o valor real do resto (e da causa, como também Lacan definiu o objeto *a*) no trabalho cotidiano do analista atualmente?

Começamos com o chiste, agora estamos no sintoma. Seleccionamos duas conferências de Freud, a primeira, *O sentido dos sintomas*, e a segunda, *Caminhos de formação dos sintomas*, seleccionamos também *Ler um sintoma*, de Jacques Alain Miller, que se encontra na revista Opção Lacaniana 60. (<http://www.lacan21.com/sitio/2016/04/16/ler-um-sintoma>).

Sobre *O sentido dos sintomas*, começamos a ler a conferência da última vez e paramos naquele embaralhamento, o da mancha, fiquei insistindo na mancha do lençol, vamos continuar falando dela.

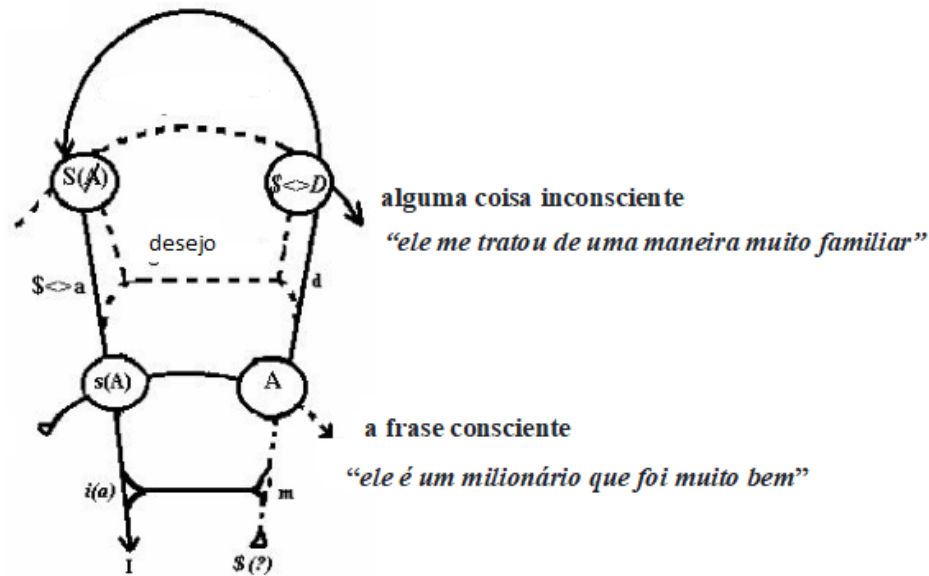
Sintoma e objeto

Dentre 1916-1917, na *Conferência XVII - O sentido [sinn] dos sintomas* (Freud, S. ESB volume XVI), Freud propõe que os sintomas têm um sentido e que eles não são produtos de um organicismo funcional com o qual o sujeito não tem nada a ver. Quando Freud diz “os sintomas neuróticos – “neuróticos”, como todo mundo – têm um sentido, assim como outras formações do inconsciente e, como estas, têm uma conexão com a vida de quem os produz”. Freud consegue mostrar que o sintoma tem valor em uma história pessoal e, ao mesmo tempo, um valor de gozo – o que é um pouco mais complicado.

Usamos o *grafo do desejo* de Lacan para instrumentar o chiste. No chiste do *familiário*, temos a cadeia consciente: *ele é um milionário que foi muito legal* e a frase inconsciente: *ele me tratou de uma maneira estranhamente familiar*. O que fazemos na clínica é procurar esses elementos que estão nos dois níveis, e fazer, com eles a conexão.

Então, podemos achar que o todo da análise seria essa conexão, encontrar a profundidade inconsciente. Não! O essencial da análise é instaurar a presença do desejo e seu campo, *entre* as duas sequências de pensamento e afeto. Quando conectamos esses dois campos, amarramos uma espécie de experiência do entre-dois.

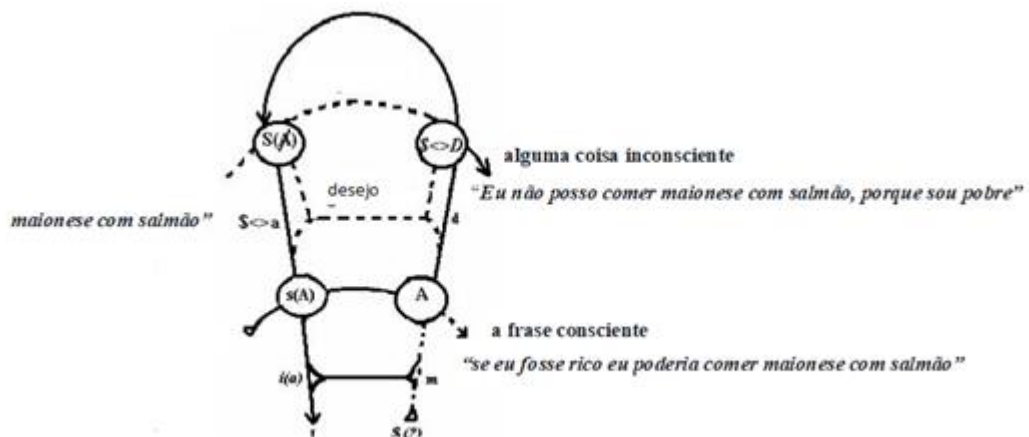
O real não está nem no primeiro nem no segundo piso, está entre os dois, isso é o que Lacan vai chamar de desejo. No *grafo do desejo* o desejo está sempre entre as duas linhas, mas como ele não pode ser real, aprisionei. Produzir o efeito de verdade é que é o efeito forte da clínica. Estamos, aqui, no *Seminário 5*.



A partir daí, um passo a mais. No *Seminário 10*, Lacan vai valorizar o espaço entre as duas linhas para dizer que neste espaço não tem apenas um desejo, mas sua causa, o objeto *a*. O neologismo conecta uma com a outra, mas não apenas, ele traz à cena um ser novo, o *familonário*, bizarro, objeto *a*. Para situar esse objeto, Lacan conta o caso do autor, Henrich Heine, casado com uma milionária. O *familonário* encarna alguma coisa do real da experiência dele de ser casado com uma mulher rica e dele ser o pobre bem-tratado, mas sempre mal-tratado um pouco por eles.

As formações do inconsciente rodeiam esse objeto, circundam, aprisionam. No decorrer da análise, chegando perto dessa coisa que, digamos, seria o real da essência, do gozo, da maneira vital de ser do sujeito que nunca vai poder ser dito pela interpretação – mas que toda interpretação vai também situá-la.

Uma das maneiras que utilizamos para encarnar esse objeto foi o chiste da maionese de salmão. O mendigo ganha o dinheiro de um rico e vai comer maionese com salmão. Quando é interpelado quando por comer um prato chique e caro ele diz: *não posso comer maionese quando não tenho dinheiro, quando tenho, também não posso, quando vou comer?* Neste exemplo temos, entre as duas, linhas uma coisa mais concreta. A maionese de salmão que ele come *na piada* é um objeto paradoxal, bizarro, assim como o *familonário*.



Como reconhecer o objeto a ?

Lacan avança um pouco mais ao apresentar outro esquema, que está no *Seminário 11, os círculos de Euler*. O que precisamos entender é como os círculos são usados por Lacan.

No espaço do sujeito, não hachurado trata-se do que se pode dizer dele e do que ele pode dizer dele, é o espaço do ego. Idem quanto ao espaço do Outro. Mas há também o que eles não conseguem dizer. Então a intersecção é o recobrimento de dois vazios e não, como se usa normalmente esse termo um espaço comum de elementos dos dois conjuntos.



É nesse recobrimento de dois vazios que alguma coisa se recorta. No entorno deste impossível de dizer, há um objeto que se inscreve como um desobjeto. O objeto “ a ” é quando dois impossíveis se encontram produzindo o desenho de alguma coisa, sua presença, que, no entanto, não é uma coisa do mundo, mas o espaço de um real, não coisa, sob uma forma objetual.

Não consigo dizer o que é exatamente essa comida impossível do mendigo, mas o salmão com maionese a delinea quando cruzam-se a comida que o pobre não tem, nem a que ele não terá quando tiver dinheiro.

O que importa é recobrir dois impossíveis, este significante (a) que se articula com a cadeia inconsciente, cruza dois impossíveis de dizer, isto é que traz a presença do real. Essa presença tem uma borda, tem também uma forma, tem a carinha do objeto que está caindo.

Lacan usa o ponto de partida winnicotiano, que é uma maneira de trazer esse objeto paradoxal. Nem do eu, nem do Outro, mas ao mesmo tempo dos dois. É o cobertorzinho sujo, a mãe não esse cobertorzinho nojento, a criança não pode dizer que é dela, porque tudo é a mãe quem lhe dá, mas ao mesmo tempo é dela pois se apropriou pelo uso.

Na França, quando se tira um brinquedo de linha, a fábrica tem que guardar exemplares por dez anos, pois se a criança ficar agarrada com o brinquedo a mãe tem que poder substituir. Conheço gente que comprava um outro para guardar, tirava um brinquedo a noite, lavava e devolvia o outro. Nada mais contrário ao que seria nossa ideia. Queremos o objeto sujo, porque o sujo era o que a mãe não suporta e se dermos poderes plenos para a mãe trocar um sujo por um limpo sempre, o sujeito nunca vai poder materializar o objeto resto, objeto que, digamos, localiza a vida para ele, a vida dele.

O sintoma e a mancha (O sentido dos sintomas)

Poderíamos pensar o sintoma, nesse plano, nas duas conferências de Freud? Remeto vocês ao comentário dessas duas conferências por J. A. Miller em *Opção lacaniana*.

Na primeira, após um percurso inicial mostrando como o sintoma não é apenas uma produção aberrante do cérebro ou da genética, ele descreve o caso de uma paciente:

Ela corria desde seu quarto até um outro quarto contíguo, assumia determinada posição ali, ao lado de uma mesa colocada no meio do aposento, soava a campainha chamando a empregada, dava-lhe algum recado ou dispensava-a sem maiores explicações, e, depois, corria de volta

para seu quarto. Este não era certamente um sintoma muito desagradável, mas assim mesmo, não podia deixar de causar curiosidade.

Essa cadeia de pensamento parece dizer: *Quero tudo limpo, mas não sei como*. A segunda cadeia vem trazida por ela mesma.

(...) mais de dez anos antes, casara-se com um homem de muito mais idade do que ela, e, na noite de núpcias, ele ficou impotente. Amiúde, durante a noite, ele viera correndo de seu quarto para o dela, a fim de tentar mais uma vez, porém sempre sem êxito. Na manhã seguinte, ele disse com tristeza: “Eu devia sentir-me envergonhado perante a empregada, quando ela arrumar a cama”, pegou de uma garrafa de tinta vermelha que casualmente havia no quarto e derramou seu conteúdo sobre o lençol, mas não no exato lugar em que uma mancha viria a calhar.

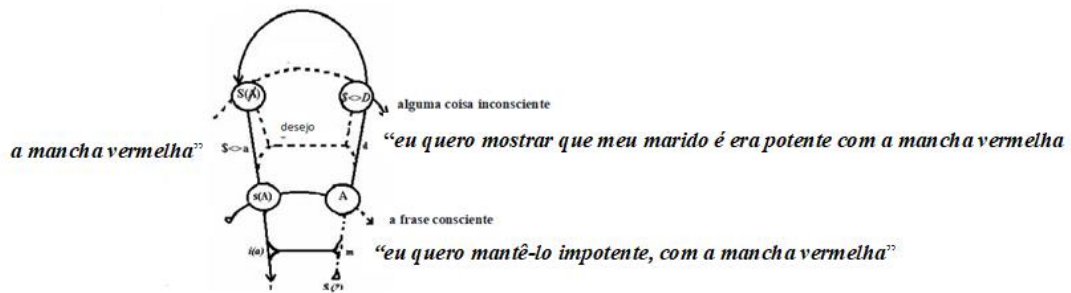
A segunda cadeia corresponderia ao desejo de mostrar para todo mundo que ele foi potente e que está tudo bem. Ela diria: *Quero mostrar a mancha para a empregada*.

(...) acerca da intenção do ato obsessivo. Sua essência consistia, obviamente, em chamar a empregada e, à vista desta, mostrar a mancha, em contraste com o comentário do marido, de que se sentiria envergonhado perante a empregada. Assim sendo, ele, cujo papel ela estava desempenhando, não se sentia envergonhado perante a empregada; portanto, a mancha estava no lugar certo. Vemos, portanto, que ela não estava simplesmente repetindo a cena, ela estava continuando e, ao mesmo tempo corrigindo-a; ela estava consertando-a. No entanto, com isso, ela também estava corrigindo uma outra coisa, que fora tão desagradável, aquela noite, e que tornou necessário o expediente com a tinta vermelha - a impotência dele. De modo que o ato obsessivo estava dizendo: “Não, não é verdade. Ele não tinha por que sentir-se envergonhado perante a empregada; ele não ficou impotente”.

A princípio, o sintoma está dizendo “que vergonha” e “que orgulho o que ele fez”, mas Freud não fica satisfeito com isso.

(...) a mulher estivera separada de seu marido, durante anos, e estava debatendo-se com a intenção de obter divórcio legal. Contudo, não havia como livrar-se dele; ela era forçada a permanecer fiel a ele; retirou-se do mundo para não ser tentada; em sua imaginação, desculpava-o e engrandecia as qualidades dele. Na verdade, o mais profundo segredo de sua doença consistia em que, através desta doença, protegia seu marido de comentários maldosos, justificava-se por estar separada dele e possibilitava-lhe levar uma vida separada cômoda.

Novamente duas cadeias: *Quero mostrar meu marido potente*, mas, também, *Quero mantê-lo impotente*. O sintoma apresenta uma cadeia fazendo embreagem para outra.



Freud está inventando a psicanálise e quer nos mostrar que ela tem sentido, mas ele está também mostrando a mancha como uma experiência que vou chamar de *excesso*. Para nós, assim como para Freud na conferência “os caminhos de formação do sintoma”, o importante o valor libidinal do sintoma, nesse caso condensado, fixado, na mancha. A mancha vai realizar as duas coisas, os dois gozos, um de cada cadeia. Essa experiência do excesso é que é o segredo do sintoma em Lacan, é o gozo que se tem com o sintoma, não porque o gozo está no andar de baixo, mas sim no espaço entre dois. É o que há de mais de vivo.

Participante: tenho dificuldade de entender, porque ela quer manter ele impotente.

Participante: a mancha representaria isso! A ausência da potência e a presença da potência.

Participante: e a formação de compromisso?

A leitura a partir do recalque seria *quero gozar aqui e quero gozar ali também, mas não posso gozar nem aqui em ali, então junto os dois e continuo não gozando de nenhum dos dois integralmente, mas quando junto os dois, tenho um gozo “a mais”*. Esta é a ideia do objeto *a*, de que quando tenho os dois, abre-se um espaço que parece confluir a vida um pouco além daquelas duas impossibilidades – e daí a vitalidade do gozo.

Participante: Podemos pensar a clínica freudiana como a clínica do sentido e a clínica lacaniana como a do gozo? Tem alguma coisa que é do real. Como sair dessa dicotomia?

Toda dicotomia traz um efeito de sentido, *uma coisa é uma coisa, outra coisa é outra coisa*. Dá para fazer assim, mas podemos pensar que Lacan propõe três: *real, simbólico e imaginário* para sair dessas histórias de *um* e *dois*, que é muito didático. A vida não é feita de um e dois.

Sintoma lixo (caminhos de formação dos sintomas)

Esse lugar do objeto é especialmente recortado na segunda conferência de Freud sobre o sintoma, muito mais tarde. A *Conferência XXIII - Os caminhos da formação dos sintomas* (Freud, s. *ESB*, vol. XVI) segundo Miller, é mais sobre a libido que sobre o sintoma.

(...) já sabemos que os sintomas neuróticos são resultado de um conflito, e que este surge em virtude de um novo método de satisfazer a libido.

Ele parte da formação de compromisso de duas cadeias de pensamento, mas insiste na libido presa nessas duas cadeias, insiste como essas próprias cadeias são fixações, cargas de libido. Entra, então, uma teoria causal, das “séries complementares”, para dar conta da fixação dessa carga, a seguir ele teoriza a fantasia, como lugar em que essas fixações se articulam montando cenas e constituindo a realidade psíquica.

Parece até que quem está falando é Lacan, o que importa é o sintoma como uma satisfação real, não uma satisfação substitutiva no sentido de mais fraquinha. O sintoma é uma possibilidade de satisfação, talvez não se tenha outra, a não ser pelo sintoma.

No *Seminário, livro 10: A angústia (1962-1963)*, na p. 140, Lacan fala disso, “não é essencialmente da natureza do sintoma ser interpretado”, e achamos que a natureza do sintoma era isso, porque Freud ensinou que o sintoma só se constitui como sintoma quando o sujeito o percebe – há uma espécie de movimento de querer ler. Poderíamos dizer que o sintoma não é necessariamente legível, mas se a gente quiser ler, a gente lê; se tem alguma coisa que está incomodando e a gente começa a falar sobre ela, conseguimos fazer duas cadeias e efeito de verdade, isto é o nascimento da psicanálise. Lacan lembra porém, que o importante é termos podido “implicar a causa no sintoma”.

O sintoma, por sua natureza não é de se interpretar, o sentido do sintoma é gozo. Lacan está dizendo que é conflito, mas amarra alguma coisa que é o gozo. O sintoma serve para gozar, o conflito só serve se eu gozo.

Acho que retomar casos de crianças poderia ajudar, porque a criança coloca isso tudo em cena, especialmente quando incluímos os pais. Lembrem que Lacan pensa a criança nesses dois aspectos, ela é sintoma do casal parental, no sentido que ela dá a verdade recalcada do que eles vivem e, ao mesmo tempo, é objeto “a” da fantasia materna. É o que *podemos ler na Nota sobre a criança, nos Outros Escritos, que comentei há tempos e que retomamos, Romildo e eu no livro Mães* (http://litura.com.br/curso_repositorio/uma_leitura_de_nota_sobre_a_crianca_de_j_1.pdf).

Uma das coisas para quem faz análise com crianças é que fica evidente que, num certo sentido, ela traz a segunda cadeia, a cadeia inconsciente. O sintoma dela conta alguma coisa sobre a situação familiar, alguma coisa que a família não pode dizer.

Participante: atendo uma criança de nove anos que vem em nome de uma violência ao redor dele e o casal nas entrevistas diz que a razão de estarem juntos é a gravidez desse menino, e a necessidade do casal se manter junto por conta dessa gravidez, o que sela o compromisso desse casal estarem juntos. O sintoma desse menino é a violência exacerbada, só fala em armas, em atirar.

Estamos em tempos violentos e muitas crianças são identificadas com o BOPE *Batalhão de Operações Policiais Especiais, essa violência específica quando começamos a mexer, ela aparece com um recalcado de outra geração, que tem a ver com a violência sofrida pela mãe e que conseguimos ver as conexões significantes, que vão levar mais ou menos a isso quando ele fala um pouco.*

A criança como “verdade do sintoma parental” é também a criança como gozo dos pais. Não é só o recalcado dos pais, tem um lado da criança que é o desejo inconsciente dos pais que a criança encarna, ela explicita alguma coisa que era para ficar recalcada e isso incomoda, por isso que os pais querem tratar, mas também, a criança é como a mancha de tinta, com esse sintoma ela faz uma movimentação que fica todo mundo tomado em torno daquilo, esse aspecto do sintoma da criança que tendemos a desconsiderar.

Participante: e essa criança anima muito esse casamento, por conta de centralizar toda uma atenção, pedido de ajuda.

Lembro de uma criança que tinha o sintoma de esconder coisinhas atrás da privada, tudo quanto era resto da casa ela escondia atrás da privada, isso deixava os pais loucos, não era para ficar tão louco, tinha um sentido nas coisas da privada, que era exatamente o ponto onde os casais se reuniam. Eles tinham uma ideia de que a vida era sem lixo, a vida bonita deles, mas os dois vinham de muito lixo, e o fato do filho colocar coisas ali, falava do insuportável que isso era para eles. Ficamos naquele dilema clássico de análise com criança: vamos interpretar os pais? Vamos trazer os pais ou deixar para lá e cuidar da relação da criança com o lixo? Tem que cuidar da relação da criança com o lixo, claro que pode ir para lá, mas com isso perde-se a relação que a criança tem com o lixo. Não é só o sintoma dos pais, o sintoma dos pais passa a ser dele, tem que ter um trabalho sobre o Outro na criança, e ele estava tentando dar um objeto ao desejo dele e não ser, ele mesmo esse objeto.

Cagado ainda

Quando Lacan fala que tem que interpretar o Outro da criança não é o Outro, os pais, mas o Outro nele, as vezes duas palavrinhas com os pais resolve tudo, então ficamos com aquela vontade de falar com os pais, os pais são ótimos para a análise, a criança é endiabrada, esse é o lado do gozo. O que está acontecendo em torno do lixo tem alguma coisa que envolve os corpos e está todo mundo gozando e nem sempre a interpretação faz ceder aquele gozo, tem também para a criança um outro aspecto, ela como objeto a da mãe. Isto também está na Nota sobre a criança, Lacan fala dos dois, na expressão da época o objeto a na fantasia da mãe é um pouco ser tomado como objeto desse ponto de impossível, isso dá uma onda que ninguém larga, tem algo a fazer com a criança como objeto de gozo, e não só com a criança como verdade, esse é o ponto quando a gente fala, “as vezes temos que pegar a criança e fazer “olha aqui a sua criança”, e as vezes o povo recua. Eu diria se fosse uma recomendação técnica, “fala o que você acha que ele pode fazer que é o objeto de gozo dele mesmo”, e não “o que vem como verdade para os pais”.

No exemplo do lixo, na época, se me lembro bem, a ideia era “vai tirar o lixo, não vai tirar o lixo”, todo mundo muito bacana. “A criança deixa o lixo ali atrás”, mas os pais ficavam loucos com aquele lixo ali atrás, porque o lixo ia aumentando, então a mãe tirava um quando entrava um objetinho, dava uma confusão, a criança ficava louca, tinha crise. A avó diz: “esse menino tem a alma de lixeiro”, mas a alma de lixeiro era alguma coisa que veio porque ele falava muito em gari. Lixeiro para mim era o gozo que ficava muito em torno do “você vai ficar bonito, limpo, arrumado”, não tem essa ideia no lixeiro, o lixeiro tem o prazer nisso, tem um negócio especial do lixeiro, pelo menos para esse menino tinha, para os pais, não.

Os casos de criança deixa muito claro esses dois aspectos, tem uma interpretação que é “alinhar dois significantes que vão envolver a coisa” e tem uma interpretação que é “apontar a coisa” é metafórico e tem uma operação que não é nem envolver, amarrar, para ela se destacar, nem é apontar para o destacar o que está se destacando, é, elevar a dignidade da Coisa, que é a definição de Lacan para a arte, da criação, no seminário 7, pega aquele troço e diz “é isso que é o negócio”, isso também tem efeito de verdade, forte, isso que tem a ver com a sublimação para Lacan.

Participante: *me lembrei de uma artista plástica Fernanda Gomes, ele recolheu guimbas de cigarros, dejetos, trabalhado.*

Essa é uma definição de Lacan para o que é a arte. O que começa com pedestal e moldura no renascimento, você pega o objeto e faz isso, isso é o real, mais real do que o real, entra nessa definição, mas na arte tem muito mais coisas do que temos visto aqui,

Participante: o caso do Cagado da Renata que você usou. Na interpretação da Renata ela está só com a cagada,

Quando tinha vinte e poucos anos, fez cocô nas calças quando estava no carro de uma amiga e a partir daí, desenvolveu uma fobia. Quando ficou grávida isso voltou com força total. Ela desenvolveu uma fobia, sintomas de evitação de sair à rua e uma série de problemas que não se resolve por medo de acontecer isso. Duas coisas ficam bem evidentes: o pai era super severo, rígido professor da escola onde ela estudava, o pai não olhava e nem falava com ela na escola, ela muito certinha, não podia fazer nenhuma cagada. Ela tem um sonho e nas associações diz “sempre tive medo de fazer uma cagada”.



“Eu fiz cagada na rua e tenho medo”. “Meu pai, dava aulas na escola que eu estudava, era muito severo, eu não podia fazer cagada”. Quando ela está contando isso, Renata faz escansão “cagada!”. Ela sentiu que tinha uma verdade ali, a interpretação insiste sobre o desejo: *o desejo é a sua interpretação*, “eu sinto desejo quando sou interpretada”, quando amarro duas cadeias, aí que tenho desejo, não é que eu tenha desejo solto ao léu, por isso que Lacan diz que *o desejo é sua interpretação*. O desejo é uma coisa e a interpretação interpreta. Quando Renata interpreta o “cagado”, apareceu a pessoa cagada, o cocô escorrendo, mas ela não fala, não queria saber sobre isso, as vezes a gente pode prescindir, isso é muito legal na análise com criança, na análise de doido que “você fica querendo montar o sentido e convencer” é isso que dá errado, por isso que a gente corta na palavrinha. Ela fica com o “cagado”, sem precisar elaborar, mas também se não tiver nenhuma elaboração, nenhuma subjetivação, é estranho.

A analista percebeu que o “cagado” tinha alguma coisa e o sintoma muda, a pessoa pode dizer “estou bem, não sei nem porque, mas estou bem e vou embora” o analista fica com a impressão de ter tocado o experimento de vida dela, o cagado amarrando, ela não precisa mais ter fobia.

Na Maré, tínhamos essas discussões, zero de elaboração, mas consideramos, o que seria uma intervenção desse tipo? Não é exatamente uma intervenção, não consegue destacar, apontar, aqui acontece uma produção, isso é o que Lacan trabalha do seminário 20: *mais ainda*, em diante. Ele vai mexendo com esse troço, até uma hora se destaca. Lembram do banquinho, do escabelo? Vai fazendo de um jeito, vai se destacando e quando se destaca, começa a “fazer com”

com esse objeto, e não entender nada, é menos ainda ininteligível. No caso da paciente da Renata “aqui entra a cerâmica com barro” que vai fazendo, apontando, então o analista vai dizer “ela deu outro destino a essa vida que estava contida no cocô”. O clássico seria pensar que o cocô é o recalçado, que ela não quer ver, aí ela sublima mexendo com barro, mas se levá-la para o cocô, aí vai levar para a verdade dela? Não! A verdade dela foi amarrada com o cocô e agora está sendo amarrada como barro. Isso é um deslocamento, uma produção, a sublimação é uma maneira de fazer com o real e não uma maneira de fugir do real, por isso essa ideia do “fazer-com”, que é como Lacan vai falar “fazer-com o sintoma”.

Participante: como não virar arteterapeuta, ceramista?

Continua na a palavra e a cada vez que aparece esse troço em você, não precisa dizer, só precisa agir com, basicamente é uma conversão psicológica do analista que é realmente acreditar que o real se faz, o real não é o sintoma neurótico é uma maneira de fazer-com o real, e nós achamos que o sintoma neurótico é o real, toma o real como uma coisa recalçada e estranha e é isso que é o real, a psicanálise circula nisso, muito. Na psicose já não é assim, vai ter que construir um lugar para o real, metáfora de bricolagem, de sublimação, e construção, que seria o termo freudiano.

Com a mancha, nosso objeto, supondo que a análise seja algumas voltas nesse troço até poder enfiá-lo no bolso, nossa questão, aqui, seria: se as pessoas não estão falando para poder encontrar uma verdade, como cercar esse objeto? Ele supõe que haja perda de gozo: a obsessiva de Freud não tem o gozo de ser esposa irretocável, nem de gozar sexualmente, mas quer gozar. Se, no entanto, for possível falar só para gozar, por exemplo, e gozar com isso sem aparentemente ficar na falta, é difícil imaginar que os sujeitos rodar e rodar até construir o lugar do objeto. Não é preciso que seja verdade, que se pode obter o que se quer sem resto, basta que isso seja uma crença compartilhada por muito, para que as coisas se compliquem.

Podemos dizer de outra maneira, se acredita-se que se pode comprar tudo, para que ficar falando para encontrar objeto que está no além? Se tudo está na prateleira? Por que fazer análise para buscar alguma coisa na profundidade, se tudo é raso?

É aí que entramos com a ideia da arte, você coloca o objeto e, ao invés de ficar bordejando-o lentamente, você já dá um lugar para ele – tem disso na análise, talvez seja preciso recorrer a isso. Mas não vamos seguir nesse sentido hoje. Já andamos muito.